

*Archives in Liquid Times*. Ed. by Frans Smit, Arnoud Glaudemans, Rienk Jonker. 's-Gravenhage: Stichting Archiefpublicaties, 2017. ISBN 978-90-71251-45-0. 326 p.

*Archives in Liquid Times*. Ed. by Frans Smit, Arnoud Glaudemans, Rienk Jonker. 's-Gravenhage: Stichting Archiefpublicaties, 2017. ISBN 978-90-71251-45-0. 326 p.

**Fernanda Ribeiro**

Com o sugestivo título *Archives in liquid times*, esta obra recentemente publicada apresenta-se como o resultado de um trabalho coletivo de cerca de dezena e meia de autores, que procuram refletir sobre os arquivos na atualidade. Considerando os arquivos como um produto social, os coordenadores da obra escolheram o seu título inspirando-se na metáfora do sociólogo Zygmunt Bauman, que caracterizou a sociedade atual como um tempo “líquido”, querendo com isso significar que vivemos numa dinâmica social imparável, que põe em causa todos os fundamentos, e que dificilmente nos conseguimos aperceber das mudanças dada a velocidade a que ocorrem e porque estamos diretamente implicados nelas, sem distância crítica para as analisar.

No Prefácio do livro, da autoria de Eric Ketelaar, é significativamente colocada a ênfase na importância da investigação para o desenvolvimento da Arquivística. Ketelaar chega mesmo a defender que “research in archivistics (or archival science) would save the archival profession” e, por isso, valoriza esta obra como um exemplo do que é relevante em termos teóricos, metodológicos e aplicados, não deixando de trazer contributos interdisciplinares de outras ciências e de dar igualmente contributos para outras disciplinas, num cruzamento biunívoco de saberes e potenciando assim olhares para além das próprias fronteiras da Arquivística, que cada vez mais não pode manter-se fechada no seu próprio discurso. Mas apesar da valorização da investigação, que é tão enfatizada, os diversos capítulos da obra não discutem de um ponto de vista epistemológico os fundamentos da Arquivística, nem seria muito razoável que o fizessem pelo facto de estarmos a falar de uma disciplina aplicada, que se traduz essencialmente num prática profissional e, como tal, teria de recorrer a uma fundamentação científica para além desse mesma atividade prática. Esta questão não é sequer colocada pelos autores da obra nos seus vários capítulos. A tónica é posta nos novos desafios sociais que a profissão tem de enfrentar, designadamente por via da revolução digital e, em face dessas mudanças sociais, considera-se na introdução que “the basis of recordkeeping in the analogue world have lost their central place”. E, ainda na introdução, afirma-se que as tentativas “to create a new paradigm or a new overall concept on archives in the digital information society have not yet been convincing”. Estas afirmações levam-nos a perguntar: se se defende que a Arquivística é considerada uma ciência e se considera que todos os seus fundamentos estão a mudar, será que então esta área tem mesmo uma base científica? Uma ciência consolidada pode ter de rever teorias, pode ter de reformular hipóteses de trabalho, mas permanece estável nos seus fundamentos, no seu objeto e no seu método. Por que razão isto não é válido para a Arquivística e a disciplina tem de seguir “os tempos líquidos” como se preconiza nesta obra?

Apesar do défice de problematização em termos epistemológicos, as diferentes abordagens que os diversos autores trazem para debate nesta obra focam-se em aspetos interessantes que justificam a leitura da mesma. Os dois primeiros capítulos, da autoria de Geert-Jan van

Bussel centram-se quer numa visão geral sobre teorias e fundamentos filosóficos, quer num enquadramento teórico para os arquivos no contexto organizacional. Conceitos como o valor da informação e o “records continuum” são tratados com especial atenção.

Rienk Jonker, um dos coordenadores da obra, desenvolve um terceiro capítulo em que conceitos de Luciano Floridi são discutidos em relação com conceitos arquivísticos, aproximando, portanto, os arquivos do mundo da informação.

Uma outra abordagem teórica e filosófica é desenvolvida por Geoffrey Yeo, considerando igualmente a noção de informação como essencial, já que para este autor os arquivos têm um papel social e informacional. A questão da informação é, pois, um elemento incontornável na teorização desenvolvida.

Arnoud Glaudemans e Jacco Verburgt discutem sobretudo a transição do analógico para o digital à luz das posições de autores como Jacques Derrida ou Vilém Flusser.

Os dois capítulos seguintes são de autoria de Wolfgang Ernst. Um deles recorre a Michel Foucault para discutir a memória, a mudança cultural e a tradição, e o outro aborda a questão dos arquivos audiovisuais.

O conceito de “contexto”, numa abordagem semiótica, é trabalhado por Fiorella Foscarini e Juan Ilerbaig, sendo o contexto social de criação dos arquivos a questão central neste capítulo.

A problemática da avaliação (*appraisal*) tem sido nas últimas décadas um tema de eleição para os arquivistas. Nesta obra, Charles Jeurgens aborda esta temática, naturalmente no contexto da “era digital”, com todas as implicações que daí decorrem.

A componente da representação da informação é algo que também não poderia deixar de estar presente numa obra deste teor, que procura abarcar os arquivos em todas as suas dimensões. Anne Gilliland é responsável por um capítulo sobre metadados e normalização, não deixando de colocar questões de caráter ético.

Segue-se um outro tema forte da Arquivística – o conceito de “proveniência”. O capítulo é da autoria de Giovanni Michetti e procura repensar a noção de proveniência no contexto da informação digital e entendendo este conceito como uma rede de relações entre objetos, agentes e funções.

Igualmente crucial é o conceito de “autenticidade”, objeto de discussão no capítulo assinado por Frans Smit, um dos coordenadores da obra. O tema é igualmente repensado no contexto do ambiente digital.

Martijn van Otterlo desenvolve um outro capítulo sobre ética da informação. Foca-se também nos arquivos digitais e na perspectiva da *data science*, discutindo a questão dos códigos de conduta em face dos novos desafios que o digital coloca.

A finalizar, o livro inclui entrevistas com Eric Ketelaar e com Luciano Floridi, que dão as suas opiniões sobre a(s) temática(s) desta obra, problematizando o futuro dos arquivos e o papel dos profissionais da informação no mundo digital.

Esta resenha muito breve dos variados capítulos do livro permite-nos perceber que as temáticas centrais da Arquivística tradicional estão todas presentes e é-lhes reconhecida

uma importância não menos significativa do que tem sido considerado nas últimas três ou quatro décadas. Os temas fortes são todos objeto de discussão, mas o que torna a obra interessante é que as abordagens são todas feitas à luz de uma nova realidade social – a era digital – que é já um contexto incontornável e que não pára de evoluir de forma acelerada. As temáticas tradicionais são, portanto, repensadas, (re)teorizadas e sujeitas a abordagens que convocam contributos de outras disciplinas e visões pós-modernas típicas dos “tempos líquidos”. São textos diferentes daquilo a que estamos habituados em matéria de arquivos e arquivística, que traduzem um pensamento inovador e que produzem reflexões desafiantes. Podemos questionar se há nesta obra contributos válidos e consistentes para o avanço do conhecimento científico, dada a ausência de discussão epistemológica que já antes referimos, mas em todo o caso há matéria que suscita debate e que coloca questões e, só por isso, vale a pena dedicarmos algum tempo à sua leitura.

**Fernanda Ribeiro** | [fribeiro@letras.up.pt](mailto:fribeiro@letras.up.pt)

Universidade do Porto – Faculdade de Letras / CIC. Digital (Porto)